

## MACHADO DE ASSIS, DEFENSOR DO HOMEM.

(1964)

Foi Joaquim Maria Machado de Assis (Rio de Janeiro, 1839-1908), sem contestação válida, a figura maior da literatura brasileira. Tendo realizado sua vocação literária com exemplar fidelidade, chegou ao fim coroado de glória e por todos reconhecido como mestre inexecedível.

Depois da sua morte, começaram a aparecer estudos sobre o conjunto da obra, o primeiro dos quais, do severo e honesto crítico José Veríssimo<sup>(1)</sup>, já reconhece, em termo enfáticos, a situação pinacular do autor de *Brás Cubas*. As conferências de Alfredo Pujol, depois reunidas em livro<sup>(2)</sup>, constituíram a primeira biografia sistemática e a primeira tentativa de exegese machadiana. E vieram outros e mais outros ensaios, em artigos, opúsculos ou livros, tudo a analisar e a pesquisar, a explicar e a interpretar a mensagem ímpar do genial mulato, nascido no Morro do Livramento, de família pobre e desconhecida, desse homem de requintada cultura, que, no entanto, só teve escola primária e foi desde os 12 anos obrigado a trabalhar para viver.

Um paciente e notável investigador, J. Galante de Sousa, fez já o levantamento da numerosíssima bibliografia de estudos machadianos<sup>(3)</sup>, volume que dá bem idéia do que representou para as letras brasileiras o extraordinário contista, romancista, poeta, cronista e crítico.

A impressão dominante da crítica e da grande maioria dos leitores é de que a obra machadiana se marca pelo cepticismo, pelo pessimismo, pela negação dos valores absolutos, pelo escárnio, pelo desencanto total, pela inaceitação da condição humana, pelo desespero, enfim.

Realmente, não se pode negar o mal-estar e incômodo profundo que causa o desfilar dos tipos machadianos, analisados com fina penetração e em mágico estilo, homens e mulheres sem grandeza, muita vez sórdidos, movidos pela cobiça, pela vaidade ou pelo amor próprio. Não pode deixar de deixar gosto de cinza a leitura do último período de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*:

    Não tive filhos, não transmiti a nenhuma criatura o legado da nossa miséria.

    (Ed. Jackson, Rio de Janeiro, 1946, p. 407)<sup>(4)</sup>;

ou do fecho de *Quincas Borba*, que oferece isto ao leitor acabrunhado e comovido com a imensa tragédia:

    Eia! Chora os dous recentes mortos, se tens lágrimas. Se só tens riso, ri-te. É a mesma cousa. O Cruzeiro que a linda Sofia não quis fitar, como lhe pedia Rubião, está assaz alto para não discernir os risos e as lágrimas dos homens.”

    (Ed. Jackson, 1955, p. 394).

Não se pode negar essa impressão penosa que deixa a leitura atenta de Machado. Não se pode negar que ele teve, agudo e doloroso, o “sentimento trágico da vida”. Ninguém o nega. Como igualmente ninguém (ressalvadas as exceções de praxe) deixa de reconhecer nele uma personalidade invulgar, quer do ponto de vista literário, quer do ponto de vista da mensagem humana que deixou.

Dentre os livros publicados sobre Machado, o que, no nosso entender, mais penetrou, o que conseguiu realizar uma exegese mais autêntica foi o de Barreto Filho <sup>(5)</sup>, livro escrito quase de um fôlego, a rigor sem divisão em capítulos, a revelar a sofreguidão de ir ao fundo do problema e decifrar a esfinge. E dentre os ensaios queremos destacar a série de memoráveis artigos que, em diversos números do *Diário de Notícias* do Rio, durante os anos de 1957 e 1958, publicou o agudíssimo analista e pensador Gustavo Corção, alma gêmea de Machado de Assis, e, também como ele, extraordinário prosador desta nossa plástica e admirável língua portuguesa.

Estas reflexões que aqui trago aos leitores de *Brasília*, velhas já de alguns anos e que ficam como um marco de minha estada na amável terra portuguesa, são mais a proposição de um tema que tentativa de solução; mais uma longa pergunta que uma resposta cabal; mais uma provocação que uma explicação final e pacificadora.

Para muitos conhecedores e admiradores (ou não) de Machado, este ensaio será um paradoxo. Poderia até parecer, a quem não me conhece, exibicionismo, desejo de chamar a atenção pelo escândalo, pela originalidade barata e inconseqüente, pelo gosto da contradição. No entanto, assim não é. Representa o termo de uma elaboração, de um reexame, de uma retomada, o estágio possivelmente último de quem se enfeitiçou por Machado de Assis aos quinze anos e nunca mais abandonou a devoção, embora tenha modificado mais de uma vez suas impressões e sua exegese.

Com efeito, já vi Machado de Assis por mais de um ângulo. No primeiro contacto, encontrei nele um escritor primoroso e diferente, dono de expressões magníficas, novas, frescas, vigorosas, e também o homem tocado de uma amargura e de um pessimismo destruidor, que afinavam muito com a crise da minha adolescência, melancólica e céptica das coisas humanas. Então, deliciava-me naquelas expressões negativistas. Lembra-me bem como degustei longamente aquele passo em que Machado fala na “volúpia do aborrecimento”, e satisfeito, ele mesmo, de ter descoberto a expressão, manda que o leitor a guarde e saboreie.

Vivendo eu uma crise de angústia e de conflito com o mundo, encontrei em Machado alguém que estaria em idêntica situação, alguém capaz de me revelar a mim mesmo.

Mais tarde, comecei a descobrir no grande escritor um analista do homem. Um profundo e percuciente analista, mas amargo e pessimista, negador, que não acreditava em nada, que deixava, ao cabo da leitura, gosto de cinza na boca, uma sensação de desencanto, de vazio, de nada. Um analista do homem, que não acreditava no homem. Um escalpelador que escalpelava para mostrar, convincentemente, que o objeto sobre que se debruçou nada tem de positivo, de valioso.

Foi a minha fase de juventude.

Chegado à maturidade, fui levado a ir reformando este meu juízo, e Machado então começa a me aparecer sob outra luz, tão clara, tão iluminante, que me deu a sensação espiritual de segurança, de verdade. Já não seria impressão, já não seria opinião: seria visão intelectual.

Machado de Assis agora começa a tomar vulto, a crescer, como o *defensor do homem*. Como o condenador veemente, mas discreto, como o denunciador genial da falsa filosofia burguesa da vida.

Teria sido ele dos primeiros no mundo a perceber fundo, no auge mesmo da civilização burguesa, a falácia, o erro de raiz dessa civilização individualista baseada no amor próprio.

Prosseguindo nesta linha de exegese, aprofundando-a, encontrei por fim em Machado um escritor, um homem misteriosamente bafejado pelo Dom da Ciência, um homem penetrado do espírito desse estranho, incômodo e fascinante livro bíblico do *Eclesiastes*.

[.....]

Proposto o tema e antecipadas algumas linhas-mestras do pensamento, entro agora esquematicamente na fundamentação, utilizando, no primeiro momento, a perspectiva do “olho direito” de Machado, a exposição metódica e chã, o tom quase didático.

Por mais de uma razão me parece que podemos sustentar que Machado foi defensor do homem, e não seu destruidor.

Em primeiro lugar, pela sua própria vida, que foi uma esplêndida afirmação. Ele se fez com esforço pertinaz e racional, passo a passo, fidelíssimo à vocação que sentia em si. Subiu a custo, mas com firmeza, cada degrau de sua escalada, que começa no mulatinho órfão, gago, doente, vendedor ambulante de doces em São Cristóvão, instruído só na escola primária, e termina no prestígio incontestável e incontestado de Príncipe das Letras Brasileiras, Presidente perpétuo da Academia Brasileira de Letras, cercado pela admiração respeitosa dos melhores de seus contemporâneos.

Em segundo lugar, pela preocupação moral, que foi indiscutivelmente, a constante de sua obra, de contista, de romancista, de teatrólogo e até de crítico.

A propósito deste último item, vale lembrar a crítica que fez de *O Primo Basílio*, de Eça de Queirós <sup>(6)</sup>. Mestre, também ele, do romance, penetra na urdidura da obra, analisa-a miudamente e, a certa altura, a propósito de Luísa exclama: “Por Deus! Dêem-me a sua pessoa moral.”

Quer dizer: indo ao âmago da obra, encontrou acontecimentos, encontrou fatos, encontrou intrigas, encontrou caricatura, encontrou movimento e ação, mas não encontrou o *homem*, a *alma* do homem, o drama moral, a luta entre o bem e o mal nos refolhos da consciência, a opção, enfim.

Ora, quem não se contenta com a trama de uma história, quem busca mais fundo e quer encontrar a alma, quem entende que a tragédia humana se situa no uso do livre arbítrio, esse crê no homem, crê nos valores humanos, defende o homem, defendendo-lhe a natureza racional e livre, contra as desfigurações de escolas e teorias.

Em terceiro lugar, pela exigência do *caráter* para a realização plena da própria inteligência, portanto, para a realização do homem todo.

Para justificar este ponto, escolho, entre tantos passos e composições, dois contos profundamente diversos: “Um Erradio”, de *Páginas Recolhidas*, e “Teoria do Medalhão”, de *Papéis Avulsos*.

No primeiro, é personagem o Elisiário, tipo inteligente, vivo, conversador, encantador, que atraía e fascinava a juventude boêmia ou simplesmente curiosa - com sua erudição, suas observações, seus chistes, suas fulgurações. O homem não tinha pousada certa, aparecia na “república” dos estudantes, depois desaparecia longamente, para reaparecer inopinado, com novos ditos, com outra *verve*, a discorrer agora sobre outro assunto. Noctívago, atento para tudo, despojado de ambições e carente de programas, o admirável e eruptivo Elisiário com o tempo se foi diluindo, amortecendo, apagando, até que acabou e deu em nada. Porquê? Porque lhe faltou caráter, disciplina interior, essa capacidade de afirmação pessoal e de fidelidade à própria vocação.

No outro conto, “Teoria do Medalhão”, vemos um pai a dar conselhos ao filho no dia da maioridade, depois de retirados os convivas e restaurado o silêncio na casa. Diz o pai ao filho que, tendo chegado a um marco da vida, cumpria escolher ofício, como o fazem todos os homens normais. À pergunta do jovem sobre que ofício escolheria, aconselha o pai que eleja o de “medalhão”. E segue-se uma longa e minuciosa explicação de como se chega a esse resultado. A coisa, tratada em tom de maior seriedade, resume-se nisto: falta de caráter, ausência de idéias próprias, constante preocupação de fazer como os outros, de agradar a todos e de dançar sempre conforme à música. Com esta receita, cria-se o tipo bem sucedido na sociedade burguesa, mas o tipo irrealizado, banal, informe, amolecido, destruído.

Em quarto lugar, pela admiração franca e aberta que ele, Machado, cultivou e externou por muitas figuras humanas: Henriqueta Renan, D. Vital, Alencar, Leão XIII, Pio IX. Sobre estas e outras personalidades, manifestou-se com o coração transbordante de admiração.

A página a respeito de D. Vital, que ele viu de relance quando se dirigia ao banco dos réus, é deveras impressionante. Do bispo-mártir, contemplado em segundos, guardou o olhar, onde leu caráter, grandeza de alma, força de convicção. E passados anos, revive com tal força e tal presença o encontro, que se vê claro quão fundamental o tocou a figura do bispo de Olinda.

Ora, quem admira crê no homem, aposta nos valores humanos. O verdadeiro céptico, o verdadeiro pessimista assume atitude cínica, de nivelamento de todos no mesmo pântano, de explicação de *todos* os atos humanos por motivos interesseiros ou sórdidos, quando não (mais modernamente) prefere explicar tudo pelos hormônios, pelos recalques ou pelas condições econômicas. O autêntico pessimista traz em si a concepção da maldade radical da natureza humana. Acha que nada vale nada, que todos são venais, têm seu preço, que os atos aparentemente heróicos ou excepcionais se reduzem à vaidade ou a uma forma de loucura, mansa ou furiosa.

\*\*\*

Machado de Assis criticou, sim, acrememente, implacavelmente, o homem burguês. Como não tinha vocação de apóstolo, em vez de pregar, de tentar convencer com argumentos e veemência, preferiu a derrisão, o sarcasmo, a destruição fibrilar, o uso sistemático do “humour”, forma superior da inteligência crítica, essencialista e ultra-sensível ao ridículo.

Aqui me parece encontrar-se o traço mais importante, mais marcante da genialidade de Machado de Assis. No auge, no apogeu da civilização individualista-burguesa - que começou a organizar-se na Renascença -, no momento em que se diria indiscutível e perene sua prevalência e sua intrínseca superioridade, inclusive pelo aparente arcabouço moral em que se alicerçava, Machado sente nitidamente a falácia do sistema, vê, com excepcional argúcia, o erro radical da filosofia que o enforma, e dispõe-se longamente a pôr a nu a miséria moral de um homem que ostentava virtude, mas estava corroído internamente, por ter desligado a Moral de suas bases verdadeiras, a justiça e o amor.

Não digo que Machado fosse capaz de analisar filosoficamente o erro burguês. Longe disso. O que afirmo é que sua privilegiada inteligência, sua intuição, seu “sense of humour” (que considero presente divino, análogo, no plano natural, ao Dom da Ciência), seu talento estilístico, seu senso poético deram-lhe a “vivência” de tal erro, que se dispôs a combater a seu modo.

Ridicularizando, negando, destruindo com afrouxar as molas mestras, com atingir as fibrilas vitais.

Hoje sabemos, lendo, por exemplo, os inquéritos realizados em Londres em 1823, sobre as condições de trabalho nas fábricas da Inglaterra, sabemos como se construiu a grandeza da civilização burguesa. Conhecemos o regime desumano, escravocrata, a que eram submetidos os operários; fremimos de indignação, quando lemos que crianças de 10 anos trabalhavam das 6 da manhã às 9 da noite, despertas da sonolência com chicotadas no lombo. Sabemos que essa grandiosa civilização se baseou na injustiça, no egoísmo e no desamor. E sabemos, por via de consequência lógica, que a moral que ela ostentava era uma moral de costumes, uma moral de conveniência, uma moral de aparências, mas nunca a Moral, exatamente porque lhe faltava o fundamento autêntico.

Machado sentiu agudamente isso. E lançou-se à destruição do monstro. Rindo, caçoando, solapando, desnudando, negando, aniquilando.

Creio que esta é a luz verdadeira para compreender o famoso *pessimismo* de Machado. A luz que se lhe acendeu no “olho esquerdo”, depois da grande guinada dos 40 anos.

Foi com essa luz e com esse olho que ele viu Brás Cubas, Sofia, Palha, Marcela, Virgília, Capitu, Flora, Pedro e Paulo, Falcão (aquele que vendeu a sobrinha, na “Anedota Pecuniária”), D. Camila, a outra Sofia (do incomparável “Capítulo dos Chapéus”), Camacho, D. Benedita, Escobar e tantas e tantas figuras inesquecíveis.

Permito-me lembrar a “Galeria Póstuma”, rápido e admirável conto de *Histórias sem Data*. Um homem, que tinha uma constante e alegre roda para o voltarete e o gamão, regressando de um baile passou por sua escrivania, recolheu-se ao quarto e morreu. De volta do enterro, os saudosos e compungidos amigos acompanharam o sobrinho até a casa do falecido. Aí falaram muito do morto, relembrou-lhe passagens da vida, ditos pitorescos ou espirituosos e, remexendo nas coisas órfãs, descobriram que o homem tinha uns manuscritos, ia escrevendo um diário.

Como o sobrinho estava cansado, do velório e da emoção, decidiram os amigos tornar ao dia seguinte, para ler e degustar os escritos do pranteado defunto. Nesse meio tempo, porém, o sobrinho explora o manuscrito e verifica que são notas magistras, perfis incisivos, mas perfeitos, dos amigos, dos freqüentadores do voltarete. Ali estavam, postas a nu, as vaidades, as fraquezas, a imbecilidade, a mediocridade, a maldade, a falsidade, deste, daquele, de todos.

No dia seguinte, conforme combinado, aparecem os amigos, circunspectos e curiosos, para em comum lerem e comentarem o manuscrito



do companheiro morto. O sobrinho então tergiversa, disfarça, protela e não deixa ver o cobiçado texto. Ao cabo de algum tempo de inútil espera, retiram-se decepcionados os visitantes, meneando a cabeça: “Tão diferente do tio!”

Essa “Galeria Póstuma” é uma galeria de burgueses vistos por dentro, atravessados pelos raios X do olho esquerdo.

[.....]

Creio ser esta a chave, o código de interpretação e de compreensão para os romances, os contos e a atitude destruidora de Machado de Assis. Foi ele destruidor, sim, mas destruidor de um falso humanismo, baseado sobre uma falsa filosofia da vida. E denunciando e destruindo esse falso humanismo, estará defendendo o homem autêntico, o homem eterno.

Com o temperamento discreto que tinha, com o seu “tédio à controvérsia”, com seu pudor quase doentio, compreende-se que Machado não se tenha jamais disposto a *pregar* o humanismo autêntico, a analisar logicamente e em posição dialética o erro da civilização burguesa. Coerente com seu modo de ser, com seu feitio, mostrou, com força, com escândalo, com forte abalo do leitor, os funestos efeitos do desvio radical, os frutos podres de um humanismo descentrado e renegador da natureza humana.

Tenho para mim que ele foi céptico, céptico radical, descrente total, mas desse homem e desse humanismo, e que empreendeu destruí-lo a seu modo, com suas armas, dirigindo-se a um leitor, atual ou futuro, que tivesse bastante “esprit de finesse” para compreendê-lo.

[.....]

Para mim, guardadas as proporções e, principalmente ressalvadas as diferenças de plano, um sobrenatural, outro natural, um da Palavra Divina, outro da palavra humana, para mim a obra *toda* de Machado é uma longa paráfrase do *Eclesiastes*, um pouco como o insuperável “Babel e Sião” de Camões é paráfrase do Salmo 136. O jogo desencontrado de afirmações e negações, de avanços e recuos, de modestas alegrias e pesados desalentos, de sombra e luz, de tenaz insistência nos desconcertos do mundo, de perplexidades traduzidas em aparentes blasfêmias, essa obra cheia de altos e baixos, estranha e contraditória, negativa e afirmativa, será uma paráfrase do *Eclesiastes*, cujo epílogo, posto antes do fim, é o trecho que acima transcrevi e que tem passado despercebido aos melhores machadianos.

Não contesto nem ignoro que a obra do genial mulato possa causar ou tenha causado devastação em muitas almas, como diz Barreto Filho<sup>(6)</sup>. Mas tenho para mim que o sentido *final* dela é positivo e cristão.

A alma devastada pela visão dos desconcertos do mundo pode optar pela solução do cinismo ou pela solução da Esperança. Pode concluir que, se esta

vida é descompassada e se este mundo só oferece escândalo, tantas vezes com a opressão dos bons e a glorificação dos maus, o melhor é seguir a máxima: “Comamos, bebamos e fornicuemos”. Mas pode concluir também que, se “a figura deste mundo passa”, é preciso aproveitar o tempo para ganhar a eternidade e que, sendo aqui peregrinos, não devemos viver com espírito de moradores e proprietários. Pode abrir as suas velas ao Dom da Ciência, e viver mergulhada na Esperança, salva já em Esperança, como diz S. Paulo (*Rom.*, VIII, 24).

\*\*\*

Para mim, para minha sensibilidade, Machado foi alguém que enfrentou com extraordinária coragem a angústia da condição humana, que realizou quase brutalmente a experiência metafísica do nada, que mergulhou nos arcanos da contingência do ser contingente, que encontrou na civilização em que viveu o erro fundamental de se fundar no perecível, na vaidade, nas aparências, na riqueza, na perseguição do vento. E que, tendo tido essa experiência e essa visão, empenhou-se em destruir um falso humanismo, o burguês, em denunciar - pelo ridículo e pelo “humour” - um homem descentrado e desviado, um homem que pôs no amor-próprio o eixo de si mesmo, e por isso falhou redondamente, só produzindo frutos podres.

Assim procedendo, Machado convidou, a seu modo, segundo seu estilo espiritual, a uma reconversão; convidou o Homem a buscar seu verdadeiro centro na fidelidade à sua natureza de ser racional e livre, e a caminhar para as bem-aventuranças do Sermão da Montanha.

Daí por que ousou propor essa gigantesca figura literária como um *defensor do Homem*.

(1) *História da Literatura Brasileira*, Liv. Francisco Alves, Rio, 1916.

(2) *Machado de Assis*, Tip. Brasil, São Paulo, 1917 [2ª ed., José Olímpio, Rio de Janeiro, 1934.]

(3) *Fontes para o Estudo de Machado de Assis*, Instituto Nacional do Livro, Rio de Janeiro, 1958.

(4) Sirvo-me da edição Jackson, primeira ou segunda, porque não tenho à mão, aqui em Lisboa, nem a Garnier, nem o que vai saindo das modernas, críticas. Como se trata, porém, de um estudo interpretativo do sentido geral da obra, e não filológico ou estilístico, não posso merecer censura.

(5) *Introdução a Machado de Assis*, Livraria Agir Editora, Rio, 1947.

(6) *Ibidem*, p. 27.

(*Machado de Assis, Defensor do Homem*, Coimbra, separata da rev. *Brasília*, 1964, 32 pp. - excertos correspondentes às pp. 5-8, 11-17, 31-32)